

AS ABORDAGENS PÓS-CRÍTICAS EM PESQUISA EDUCACIONAL NA PERSPECTIVA DO 'ATOR PLURAL' DE BERNARD LAHIRE

Shirlei de Souza Corrêa¹, Cássia Ferri², Janara Cunha Ferreira³

RESUMO

Este trabalho objetiva discutir a socialização dos atores, a singularidade das ações e as implicações destas dimensões na compreensão dos fatos sociais a partir da abordagem qualitativa de pesquisa em educação. Contextualiza o surgimento das teorias pós-críticas em pesquisa e segue com a análise dos possíveis desafios encontrados na utilização destas novas tendências metodológicas no campo da pesquisa educacional. Como resultado desta discussão, afirmamos a importância do pesquisador em reconhecer-se como ator plural, para avistar a pluralidade e encorajar-se à experimentação, à curiosidade, à historicidade e à crítica frente à pesquisa realizada.

Palavras-chave: pesquisa educacional, teorias pós-críticas, socialização.

THE APPROACHES POST-CRITICAL IN EDUCACIONAL RESEARCH FROM THE PERSPECTIVE OF 'MAN PLURAL' BY BERNARD LAHIRE

ABSTRACT

In this work the author analyzes the factors that determine the actions or the performances of the subjects in the society, under the perspective of socialization in which they are subjected during his life. This work is structured, therefore, from a synthesis of the ideas in the work, the respect of the socialization of the actors, the singularity of the actions and the implications of these dimensions in understanding of social facts. Contextualizes the emergence of post-critical theories in research and follows the analysis of the challenges encountered in using these new methodological trends in the Field of educational research.

Keywords: educational research, post-critical theories, socialization.

¹ Doutoranda em Educação na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Docente no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. E-mail: shirleiscorrea@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. E-mail: cassiaf@univali.br.

³ Mestre em Educação Infantil pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI e Docente na rede municipal de Educação de Itajaí. E-mail: janara.ferreira@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Presenciamos no meio acadêmico brasileiro nas últimas décadas, a progressiva expansão das pesquisas no âmbito educacional, objetivando a reflexão e conseqüentemente a busca por soluções para as tensões presentes no território escolar, como um reflexo das discussões acerca dos problemas exponenciais da sociedade pós-moderna. Esta tendência aos estudos das questões que representam entraves na consolidação da educação de qualidade foi influenciada pelo advento das teorias sociológicas pós-críticas na Europa, num momento em que se visualizava na escola um ambiente de reprodução das relações entre as classes sociais (LAHIRE, 2003).

Paraíso (2004) menciona que o surgimento das teorias sociológicas pós-críticas e sua influência nas ciências de modo geral, e em particular no campo educacional, repercutiu, nas últimas décadas, no avanço das pesquisas educacionais, visando à ruptura, a transgressão com o modelo educacional até então estabelecido. Neste sentido, podemos visualizar o importante papel social representado pela pesquisa no campo educacional, em virtude da sua constituição enquanto alicerce em favor da cidadania.

Para Rivero (2002), os avanços na expansão desta modalidade de pesquisa foram acompanhados, pela progressiva substituição da crença na eficácia das metodologias até então utilizadas, de cunho quantitativo, considerando que estas não conseguem explicar a totalidade e complexidade dos fatos ocorridos na escola, sendo tais fatos, produtos singulares de lugares e tempos determinados.

Neste contexto, as abordagens pós-críticas surgem como alternativa aos critérios analíticos e pragmáticos, no intuito de conotar as pesquisas educacionais, maior sensibilidade e flexibilidade na investigação de seus dinâmicos e singulares objetos, captando a origem de sua natureza, bem como as implicações que se desvelam nos atores envolvidos em cada cena.

Compreendemos que os acontecimentos e práticas presentes no ambiente escolar são fruto da complexa rede de particularidades decorrentes da cultura, da realidade socioeconômica, das políticas vigentes, das experiências da clientela envolvida e dos profissionais que atuam na instituição. As práticas educacionais são postas em ação nas variadas situações, confrontos e empreitadas; de diferentes maneiras, aliadas a diferentes posturas, dependendo dos atores envolvidos, das respostas desejadas, das dificuldades encontradas.

Neste sentido, encontramos na obra de Bernard Lahire, *Homem Plural _ Os determinantes da ação* (2002), inspiração para a elaboração deste trabalho, que consiste na tentativa de aliar as premissas das abordagens pós-críticas em pesquisa, a algumas das principais ideias esboçadas no livro pelo autor, dentre elas a teoria do ator plural, e as reflexões e interpretações sobre as molas da ação.

A obra, que propõe “mais paixão sociológica e menos respeito pelos academismos e pelas fronteiras institucionais, mais experimentação e menos metodologia, mais inventividade científica e menos dogmatismo de escola” (LAHIRE 2002, p. 214), representa, na nossa visão, um expressivo referencial na análise do que concebemos como abordagem qualitativa pós-moderna em pesquisa educacional, não abandonando a cerne que a sustenta enquanto metodologia de cunho mais sensível, flexível e dinâmico, mas revisando-a e colocando em evidência as reflexões necessárias sobre questões que constituem aos pesquisadores (em especial aos iniciantes), os entraves no desenvolvimento de suas investigações, e a parcialidade na interpretação dos resultados obtidos.

A “TEORIA DO ATOR PLURAL” E AS NOVAS ABORDAGENS DE PESQUISA

No livro “Homem Plural: os determinantes da ação”, o sociólogo francês Bernard Lahire analisa os fatores que determinam as ações ou atuações dos sujeitos na sociedade, sob a ótica da socialização à qual são submetidos durante a sua vida. Admitindo-se um admirador, mas ao mesmo tempo agindo como crítico da teoria do *Habitus* de Pierre Bourdieu, que utiliza o termo como:

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona *a cada* momento como uma matriz *de* percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas... (BOURDIEU, 1983, p. 65).

A teoria elaborada por Bourdieu tem por objetivo empregar aos sujeitos divisões categóricas generalizadoras e transferíveis, determinadas pelas influências do meio político, religioso, escolar, aos quais estão inseridos.

O conceito sociológico proposto por Bourdieu torna-se, na visão de Lahire, substancialmente engessado e homogeneizador, uma vez que não é capaz de interpretar

a vasta e complexa gama de particularidades, que se condensam e que constituem o “eu” do sujeito, traduzindo-se em suas ações heterogêneas e variáveis de acordo com as inúmeras situações, ou melhor, dizendo, atos e cenas aos quais os *atores*⁴ participam diariamente.

Lahire defende a investigação centrada na fragmentação, na observação do indivíduo, enquanto detentor do “todo” que compõe o meio social, em oposição às ideias generalizadoras que apontam o coletivo como a expressão maciça da natureza que rege as ações dos sujeitos, pautadas em estatísticas ligadas às propriedades, atitudes, opiniões e práticas, observadas a partir da homogeneização de certos grupos, classes ou categorias sociais, que não traduzem na realidade o que cada um dos indivíduos observados reúne na complexidade de sua constituição (LAHIRE, 2002, p.18).

Conforme afirma Setton (2009, p. 297):

a contemporaneidade caracteriza-se por oferecer um ambiente social em que o indivíduo encontra condições de forjar um sistema de referências que mescle as influências familiar, escolar e midiática (entre outras), um sistema de esquemas coerente, no entanto híbrido e fragmentado”.

O sujeito, ou como prefere o autor de *Homem Plural*, o 'ator' carrega em si mescladas e reconfiguradas à sua identidade cultural, ao seu modo de pensar e de agir todas essas inflexões, características, informações e disposições às quais esteve exposto desde a mais tenra idade.

Deste modo, ao mesmo tempo em que os atores vão forjando suas identidades, modificam-nas conforme as necessidades vigentes, visto que, ocupam e desempenham ao longo de suas trajetórias e de seus diferentes contextos sociais, diferentes papéis: no campo profissional, conjugal, religioso... Cada ator social traz consigo a totalidade traços da socialização à qual esteve exposto ao longo da sua vida e esboça-as de maneira singular nos diferentes campos aos quais pertence. Esta premissa entra em conflito com a teoria de Bourdieu quando este afirma que, inevitavelmente, os indivíduos transferem para os demais “setores” de seu cotidiano as particularidades que configuram a sua personalidade:

4 Segundo Lahire, diferentemente de teorias e concepções, que usam a expressão *ator* para esboçar uma metáfora teatral, romântica, ou a reinvenção da teoria do ator livre, em *Homem Plural* (2002), o termo é usado no sentido de estabelecer relação com “ação”, “ato”, “atividade”, “ativar”, “reativar”.

Cada dimensão do estilo de vida "simboliza com" os outros, como dizia Leibniz, e os simboliza: a visão do mundo de um velho artesão, sua maneira de administrar o orçamento, o tempo ou o corpo, sua utilização da linguagem e sua escolha de roupas estão inteiramente presentes em sua ética do trabalho escrupuloso e impecável, aplicado, caprichado e bem acabado, assim como em sua estética do trabalho pelo trabalho que o leva a avaliar a beleza de seus produtos pelo que exigem de aplicação e de paciência. (BOURDIEU, 2007, p.165)

O autor de *Homem Plural* alerta ainda sobre a necessidade de especular-se sobre a razão que faz das abordagens de pesquisa alicerçadas na configuração de esquemas homogêneos serem tão atrativas, em detrimento ao estudo aprofundado e empírico que deveria ser a base para a confirmação dos dados “hipoteticamente” sugeridos pelas metodologias das grandes pesquisas.

Acreditamos que as abordagens pós-críticas de pesquisa no campo educacional são de grande valia para trazer à tona a individualidade dos fatos educacionais, que numa observação não atenta e generalizadora, acabam passando por despercebidos, aniquilando-se assim a possibilidade de encontrar fatores cruciais à investigação, conforme afirma Lahire em recente artigo sobre dissonâncias culturais:

[...] Mas a mudança de escala de observação permite esboçar outra imagem do mundo social. Começando por considerar as diferenças internas à série de comportamentos e de gostos de cada indivíduo (variações intra-individuais: o mesmo indivíduo faz isto e aquilo, gosta disto, mas gosta também daquilo, gosta disto, mas em compensação detesta aquilo etc.) antes de voltar às diferenças entre classes sociais (variações interclasses), chega-se a uma representação do mundo social que não descarta as singularidades individuais e evita a caricatura cultural dos grupos sociais (LAHIRE, 2007, p.797).

Aprofundando a questão da análise de fatos sociais através da sociologia crítica, temos na filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty, referenciado em diversas passagens de *Homem Plural*, o caminho difícil (segundo próprio autor), no entanto mais sensato, de atingir o juízo mais sensível e aproximado da natureza do objeto, o quanto nossa percepção nos permite alcançar:

Não diremos mais que a percepção é uma ciência iniciante, mas, inversamente, que a ciência clássica é uma percepção que esquece suas origens e se acredita acabada. O primeiro ato filosófico seria então retornar ao mundo vivido, aquém do mundo objetivo, restituir à coisa sua fisionomia concreta, aos organismos sua maneira própria de tratar o mundo, à subjetividade sua inerência histórica, reencontrar os fenômenos, a camada de experiência viva através da qual

primeiramente o outro e as coisas nos são dados, o sistema “Eu-Outras coisas” no estado nascente, despertar a percepção e desfazer a astúcia pela qual ela se deixa esquecer enquanto fato e enquanto percepção, em benefício do objeto que nos entrega e da tradição racional que funda. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.90) (grifos do autor)

É em favor da perspectiva de observação dos meios de socialização e de suas implicações enquanto agentes condicionantes, ou como prefere Lahire “determinantes”, das ações dos atores e cada cena na qual atuam que o autor propõe tratar dos “programas e das matrizes de socialização dos atores” de modo a destrinchar as ações decorrentes desses processos e, por conseguinte modificá-las. (LAHIRE, 2002).

A VIRADA-LINGÜÍSTICA E SEU IMPACTO NAS INVESTIGAÇÕES SOCIAIS

Os efeitos das teorias pós-críticas ou pós-estruturalistas influenciados pela sociologia francesa foram responsáveis pelo estabelecimento de um novo modelo de investigação social, caracterizado em sua essência por utilizar um conjunto de instrumentos de levantamento de hipóteses, análise e interpretação de conceitos.

A pesquisa qualitativa se caracteriza pelos enfoques definidos como pesquisa participativa, a pesquisa ação, a pesquisa etnográfica, o estudo de caso, embora já exista disponível alguma literatura, não temos conhecimento de uma obra que reúna informações técnicas a respeito de princípios capazes de permitir que tais metodologias, possam apresentar-se com uma identidade bem mais definida e não apenas como um enfoque dentro da pesquisa denominada qualitativa. (RIVERO, 2002, p. 114)

Tal abordagem (histórico-estrutural ou dialética) se diferencia sensivelmente das tradicionais metodologias em pesquisa, por substituir o caráter idealista e conservador predominante na década de 70, das pesquisas qualitativas de viés fenomenológico (antecedidas pelo positivismo), pelo enfoque que privilegia a crítica social e o desvelamento da natureza histórica que constitui os problemas sociais (TRIVIÑOS, 1987). Tais procedimentos objetivam-se a decodificar os vieses, as subjetividades, o contexto social e histórico dos objetos estudados, compreendendo o mecanismo que os rege e agir de maneira a modificá-lo.

Triviños pondera sobre a dificuldade de conceituação da pesquisa qualitativa, quanto à abrangência do conceito e a especificidade de sua ação, e opta por apontar um caminho para a sua compreensão:

A tradição antropológica da pesquisa qualitativa faz com que esta seja conhecida como *investigação etnográfica*. E pode-se dizer que, às vezes, se usam indistintamente ambas as expressões para referir-se a uma mesma atividade... A etnografia baseia suas conclusões nas *descrições* do real cultural que lhe interessa para tirar delas os *significados* que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade. Isto obriga os sujeitos e o investigador a uma *participação* ativa onde se compartilha modos culturais (tipos de refeições, modos de lazer etc.). Isto é, e outros termos, o pesquisador não fica de fora da realidade que estuda, à margem dela, dos fenômenos aos quais procura captar seus significados e compreender (TRIVIÑOS, 1987, p. 120, 121, grifos do autor).

Segundo Lahire, compreender e descrever as situações, as experiências, as influências, as memórias que determinam as ações do ator plural, implica a responsabilidade de não ater-se a rigorosidade de conceitos, de matrizes comportamentais tomadas da psicologia pela sociologia no intuito preencher com algum sentido (cientificamente explicável), as lacunas deixadas pela sociologia de outrora. Tampouco, em abandonar de vez, alguns princípios das pesquisas tradicionais, que por rigor partiam de estatísticas previamente consideradas, para então estabelecer a “interrogação contextualizada tendo a dúvida cartesiana e alguns resultados de pesquisas como únicos companheiros” (LAHIRE, 2002, p. 190). Transpor as tradições metodológicas influenciadas ora pelo rigor das explicações sistêmicas e conformistas, ora pelas complexas especulações acerca dos “psiquismos individuais”, constitui assim, um desafio da sociologia pós-moderna:

Os trabalhos sociológicos contemporâneos utilizam frequentemente expressões tais como “disposições”, “estruturas cognitivas” ou “mentais”, “procedimentos interpretativos”, “categorias de percepção” ou de “representação”, “etnométodos”, “estoques de conhecimentos”, “reserva de experiências prévias”, “relações com o mundo” ou “visões do mundo”. Mas os seus autores amiúde se contentam em pressupor a existência dessas “disposições” ou “estruturas” internas ao ator sem utilizar exatamente como programa de pesquisa o estudo de sua construção e de seu reinvestimento possíveis (mas não forçosamente sistemáticos) em novos contextos sociais (LAHIRE, 2002, p. 191).

Este “olhar mais de perto” é, no contexto das pesquisas educacionais, crucial para a compreensão dos fenômenos escolares, comumente analisados de maneira polarizada, seja à luz do senso comum, ou de conceitos academicistas engessados.

OS DESAFIOS DAS ABORDAGENS PÓS-CRÍTICAS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

O campo educacional que antes era tido como ambiente passível à análise à luz de enfoques quantitativos, os mesmos utilizados para os estudos de ciências naturais, nos últimos anos vêm passando por importantes mudanças quanto aos métodos empregados para investigação de seus fatos.

Estas mudanças têm contribuído para os avanços nas discussões de questões que, durante muito tempo, permaneceram marginalizadas nos fóruns pertinentes à escola. Exemplo disso é o crescente número de pesquisas focadas nas minorias sociais, na sexualidade, pluralidade étnico-racial, entre outros temas, graças às abordagens embasadas especialmente em estudos de cunho etnográfico.

Fundamentalmente, o que se pode se observar após a análise dos estudos aqui citados, que as críticas vigentes acerca das abordagens pós-críticas em pesquisa, em especial à pesquisa no âmbito educacional, referem-se à subjetividade contida na análise das ações dos sujeitos e que em muitos casos, quando não investigadas e analisadas sob pressupostos coerentes, dão margem a interpretações duvidosas ou pouco consistentes. No entanto, como explicam Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1999), os teórico-críticos em oposição aos defensores das teorias tradicionais alegam existir na subjetividade um fator “inerente às relações sociais que se estabelecem no campo pesquisado”, não podendo ser entendida apenas como interpretações pessoais livres de qualquer influência, mas como conjunto de múltiplas influências exteriores. Ainda segundo os autores, a discussão maior deve concentrar-se na subjetividade com que os dados são analisados sob a ótica da relação de poder existente entre pesquisador e pesquisados.

Nesta perspectiva, Forghieri (1993) alerta sobre a importância de o pesquisador manter isolados seus conhecimentos anteriores sobre o objeto da pesquisa. Este movimento deve ser antecedido de uma “volta” do pesquisador às suas experiências para localizar em sua prática, a importância do objeto que move a sua investigação.

Em se tratando da pesquisa em educação, a superação da dualidade entre distanciamento e observação participativa tende a permanecer como um dos grandes desafios a serem vencidos. A variedade de comportamentos e reações neste território onde não há um consenso sobre a “conceituação e pluralidade de composição do trabalho docente” (PARAÍSO, 2001, p. 79), tornam esta modalidade de pesquisa passível de ser avaliada sob conceitos particulares, resultando em análises que acabam caindo no cunho das abordagens esquematizadoras ou demasiadamente subjetivas.

Para Lahire, analisar os aspectos que caracterizam a personalidade, o modo de agir, as ideias, o ser social dos atores, compreende um olhar atento a tudo o que ele produz concreta ou imaterialmente. É necessário o enfoque interessado sobre o espaço que cerca estes sujeitos, seus discursos, suas atitudes e reações, seus instrumentos, suas produções:

De fato, muitas vezes se qualifica como "*objetiva*" uma realidade que se caracteriza por um forte grau de objetivação social: um patrimônio econômico, uma casa, um carro, um terreno, etc. E se chamará de "*subjetiva*" uma opinião, uma idéia, um ponto de vista, uma representação, ao passo que, concretamente, essas realidades subjetivas são tão objetivas como as primeiras. Elas se materializam nos sons de um discurso oral, nos traços de um texto manuscrito ou impresso, nas pinceladas ou cinzeladas que criam pinturas e esculturas, etc. A "*psicologia*" de um ator ou a "*mentalidade*" de uma época são claramente *visíveis* nos objetos, nos espaços, nos instrumentos, nas máquinas que produzem. Percebe-se bem tanto a "*mentalidade*" dos atenienses no século V antes de Cristo e, principalmente, a dissociação que fazem entre o que depende do econômico e o que pertence a ordem do religioso ou da moral, considerando o aparecimento e difusão da moeda, como estudando os textos filosóficos da época (Vemant, 1969 e 1981) (LAHIRE, 2002, p. 196).

Em seu artigo sobre a relevância e aplicabilidade das pesquisas em educação Alves-Mazzotti (2001) faz menção, entre outros problemas, à falta de contextualização das pesquisas educacionais a estudos anteriormente realizados, resultando no reducionismo das situações estudadas com bases nas vivências particulares dos pesquisadores. Além disso, existe ainda a tradição de manter os vieses das pesquisas atrelados à teorias de autores da moda, resultando no apego à comprovação das falas dos teóricos e no distanciamento entre o pesquisador e sua própria tese. Como já citado anteriormente, B. Lahire acredita que para se chegar à formulação de interrogações coerentes, há que se lançar mão de estudos e dados pré-existentes, em detrimento ao uso

de situações singularmente vivenciadas na tentativa ilusória de se constituírem como fatos sociais.

O autor ainda aponta como entrave para a realização da pesquisa crítica, a expansão da rivalidade no meio acadêmico, ou ainda, uma espécie de corporativismo condescendente, que vem tomando conta das investigações em ciências sociais, e que acabam por cercear o verdadeiro intuito que deveria permear estes estudos:

Toda reflexão é necessariamente elaborada na relação crítica à outras reflexões. Nada mais comum do que isto. No entanto, a "disputa" e estigmatizada num mundo acadêmico, que geralmente produz mais o consenso de fachada e o assassinato nos bastidores, a hipereufemização dos julgamentos públicos e a extrema violência dos "golpes" ou das conversações "privadas" do que o interesse e a paixão pela discussão argumentada ou pela crítica viva das teses (e não, como se pensa, das pessoas que as sustentam) A crítica respeitável deve ser reabilitada (LAHIRE, 2002, p. 10).

A respeito da criticidade impelida à pesquisa que toma o sujeito por ator plural mediante um cenário repleto de conjecturas mediadoras de ações, comportamentos, tradições e concepções, o autor atenta para a necessidade de despir-se de conceitos petrificados, de “verdades científicas” historicamente irrefutadas que buscam tacitamente explicar através de uma única vertente as inúmeras formas de ver e de pensar as coisas. O ponderamento sobre a tradição que mantém os vieses das pesquisas atrelados às teorias de autores da moda, (e que resulta no apego à comprovação das falas dos teóricos e no distanciamento entre o pesquisador e sua própria tese), sem cair na rede da subjetividade exacerbada, é inerente à pesquisa sociológica que visa romper com os paradigmas vigentes.

OS CAMINHOS DA PESQUISA EDUCACIONAL NO PAÍS

Ao escrever sobre os as perspectivas e implicações das pesquisas críticas em educação no Brasil, Bernadete Gatti, nos mostra que o desenrolar desta modalidade investigativa, até os anos 90, esteve ligada a aspectos de cunho político, e a conquistas como a expansão da cultura e a ascensão ao pensamento crítico-social. Neste ínterim, as pesquisas se subdividiam entre abordagens qualitativas e quantitativas, e apesar de já esboçar preocupação com o estudo de subtemas ligados às raízes dos problemas sociais e ao questionamento do currículo e de programas escolares, mantinham “os enfoques

tecnicistas, o apego a taxonomias e à operacionalização de variáveis e sua mensuração”. (GATTI 2001, p. 67). Somente a partir de meados dos anos 90, estes estudos passaram por forte questionamento com o advento da expansão da internacionalização dos cursos de pós-graduação.

Segundo a autora supracitada, questionou-se a eficácia dos métodos empregados até então, tendo sido estes meramente transferidos de outras áreas de estudos sociais e científicos para o âmbito educacional, de forma simplificada, não contemplando a necessidade de desvendar os fenômenos educacionais em sua essência, (especialmente após o surgimento das pedagogias escola-novistas), sendo incorporados de maneira simplista, imediatista e dissociada da ampla contextualização que constitui o campo educacional, de uma forma descomprometida com os devidos procedimentos que a abordagem, dita qualitativa, deve comportar.

Com a ascensão dos modelos alternativos de pesquisa, chamados de qualitativos, as metodologias de abordagem quantitativa foram gradualmente substituídas pelos estudos de caso, narrativas, observação participativa, etc. Tais métodos, possibilitaram a abertura de vertentes subtemáticas, que representem uma substantiva mudança nos paradigmas na pesquisa educacional e uma forma de movimentar a discussão a respeito dos problemas educacionais (PARAÍSO, 2004).

Ao descrever a situação do professor pesquisador em nível nacional, Lüdke (2001), constatou a existência de uma dualidade entre o que os professores consideram como “pesquisa”. Segundo a autora, não é raro haver um consenso a respeito da concepção da existência de pesquisas que servem unicamente para a de estudos acadêmicos e que não vem ao encontro às reais necessidades da escola.

Neste sentido, questionamos sobre a real natureza destas pesquisas e os métodos que a elas são empregados. Existe realmente uma distinção entre as questões de iminente investigação na situação educacional e as tendências acadêmicas de pesquisa? Podem estar nas metodologias empregadas às respostas para a “porosidade”, como afirma Bernadete Gatti, contida nas pesquisas educacionais?

É como se houvesse uma sensibilidade social ao que é mais rigoroso, ou confiável, ao menos frágil metodologicamente, que não se pode demolir pelas facilmente pelas lacunas nas coletas de dados ou análises, e que, não se pode contrargumentar com facilidade. Há, inclusive, nesse processo de impacto social, os conseqüentes da aplicação dos resultados da investigação científica nos sistemas escolares efetivos, que servem de consistência de avaliação de seus

resultados. [...] Há pesquisas politicamente interessantes de determinados grupos, mas que mostram fôlego curto diante do experimentado socialmente, devido às suas inconsistências metodológicas (GATTI, 2001, p. 79,80).

Estabelecemos aqui uma conexão com as falas do autor de *Homem Plural*, quando este se manifesta de maneira crítica à supervalorização de teorias da moda e o distanciamento da real natureza que move a investigação, resultando em extensas discussões superficiais, com o efeito apenas para a legitimação de estudos teóricos. As indagações levantadas não constituem manifestações de apoio às pesquisas que se propõem encontrar, ou ainda, prescrever soluções imediatas para os problemas pesquisados, ou mesmo defender a transferência da voz da verdade aos sujeitos como constata Mazzotti (2001), mas sim, de propor a reflexão a respeito do real sentido que move os pesquisadores à busca por respostas para o complexo e multifacetado campo educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta breve explanação que não podemos considerar como concluída, mas que deixa em aberto novas possibilidades de estudos a respeito das abordagens pós-críticas de pesquisa em educação, algumas importantes reflexões devem aqui ser apontadas. Entre elas, a de que investigar problemas educacionais à luz das pesquisas de cunho qualitativo requer tanta responsabilidade e uso de critérios consistentes, quanto às abordagens tradicionais de pesquisa.

A leitura de *Homem Plural: Os determinantes da ação*, de Bernard Lahire, da qual citamos aqui apenas alguns importantes trechos para melhor contextualizar os tópicos, nos aponta a dimensão do quão sensível e ao mesmo tempo apaixonante é a observação dos fatos sociais a partir da ótica do pluralismo dos atores e da imensa rede de determinações que estão presentes por trás de cada ação, de cada reação, das palavras, dos gostos, dos hábitos, e é imprescindível que pesquisador educacional esteja atento, coloque-se por dentro desses determinantes. É importante reconhecer-se como ator plural, para avistar a pluralidade e encorajar-se à experimentação, à curiosidade, à historicidade e à crítica.

O pesquisador deve estar disposto a se confrontar com o inesperado, que não raramente, pode contradizer as suas hipóteses, ou desconstruir a sua indagação

previamente formulada, e que isto, segundo o autor, deve significar um convite ao retorno à natureza da pesquisa, uma reflexão sobre a origem da formulação de hipóteses infundadas. Deve estar aberto a críticas e ao confronto de seu trabalho, e este deve também oferecer a possibilidade de continuidade, de aprofundamento, de discussão construtiva e argumentada.

Ultrapassar a dicotomia entre teorias quantitativas e qualitativas, reavaliar a teorização da socialização e dos eventos educacionais, desconstruindo a noção de apoderamento de ideias e a valorização de ilusões teóricas deve, acima de qualquer metodologia empregada, constituir o objeto principal das pesquisas em educação.

A escola que por muito tempo foi vista como ambiente reprodutor das tensões sociais e que ao longo de sua trajetória luta pra não tornar-se ela própria criadora dessas tensões, pode contar com as contribuições advindas das pesquisas que se voltam para a análise de seus problemas como um grande instrumento para a consolidação de seu caráter benéfico para a sociedade.

No bojo desta discussão, parece inegável a necessidade de nos mantermos atentos sobre a importância de não se tornarem, também as investigações nesta área, mecanismos reprodutores das ideologias vigentes. Ideologias estas que, ao negarem a existência de contextos heterogêneos, que capazes de conviver com vozes que são silenciadas e de nuances que não são observadas de perto, tendem a garantir a contribuição e a manutenção de índices educacionais insatisfatórios e que, ironicamente não evoluem em detrimento ao grande e moderno avanço das pesquisas educacionais.

REFERÊNCIAS

ALVES_MAZZOTTI, A. J. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, nº 113, Julho/2001. p. 39-50. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a02n113.pdf>>. Acesso em 26 abr. 2011.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; 2007.

_____ **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAMPOS, M M. FÁVERO, O. A pesquisa em educação no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, nº 88, Fev/ 1984, p. 5-17. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/931.pdf>>. Acesso em 06 jun. 2011.

_____ Para que serve a pesquisa em educação? **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n. 136, p. 269-283, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a02n113.pdf>>. Acesso em 30 jul. 2011.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**: com um estudo da obra de Durkheim pelo Profº Paulo Fauconet. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 1997.

GATTI, B. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de pesquisa**, nº 113, Jul/2008, p. 65-81. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51838847/Implicacoes-e-perspectiva-da-pesquisa-educacional-no-Brasil-contemporeneo-Bernadete-A-Gatti>>. Acesso em 12 jun. 2011.

_____ Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 595-608, set./dez. 2005.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa *Versus* Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, V. 22, n. 2, Mai-Ago/2006. p. 201-210. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>>. Acesso em 19 ago. 2011.

MERLEAU-PONTY. M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2005.

LAHIRE, B. Crenças coletivas e desigualdades culturais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 84, set/ 2003. p. 983-995. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 22 mar. 2011.

_____ Indivíduo e Mistura de Gêneros: dissonâncias culturais e distinção de si. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, V. 50, n. 4, 2007, p. 795-825.

Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/218/21850406.pdf>>. Acesso em 17 fev. 2011.

_____ Homem Plural: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.
LÜDKE, M. O professor, seu saber e sua pesquisa. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 74, Abril/2001. p. 77- 96. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a06v2274.pdf>>. Acesso em 29 mar. 2011.

RIVERO, C. M. da L. A. Etnometodologia na pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Impulso**. v. 13, n. 32. p. 113-125. UNIMEP, Piracicaba SP: 2002. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/mr2/mr2_5.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2011.

SETTON, M. da G. J. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do *habitus*. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 4,1 maio-ago. 2009. p. 296 à 394. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n41/v14n41a08.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

_____ A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. n° 20 Maio-Jun-Jul-Ago, 2002 . **Revista Brasileira de Educação**. p. 60-71. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 21 abr. 2011.

THIOLLENT, M.; BOURDIEU, P. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5. ed. São Paulo: Pólis, 1987.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987.